

AGRICULTURA/ Espaços comunitários para cultivo de verduras, legumes e frutas unem a vizinhança em torno de um objetivo. Participantes se sentem realizados com a colheita e consideram a atividade uma terapia.

O poder coletivo da horta

» CLARA CAMPOLI

No meio da cidade, uma área verde meticulosamente cuidada por mãos atenciosas. Na terra, as plantas não são ornamentais ou uma mera cobertura do solo: há hortaliças, frutas, verduras e ervas medicinais. Com a contribuição de quem se dispõe a ajudar, as hortas comunitárias surgem como um ponto de união da vizinhança. Além do cultivo das plantas, a atividade em grupo promove momentos de terapia, cuidado e até diversão para a criançada.

Em 2011, quando a secretária Sheila Souza dos Santos, de 33 anos, recebeu o convite para liderar a horta comunitária do Itapoã, ela não sabia nada sobre verduras e hortaliças. Passava por momentos difíceis, desempregada e estressada. Três anos depois, ela exibe orgulhosa os pés de milho que ajudou a plantar no terreno e aconselha combinações de folhas para a salada, de acordo com o gosto da pessoa. Além da alegria em trabalhar com o ofício que jamais imaginara ser tão prazeroso, ela perdeu peso, sentiu melhorias na saúde e criou uma consciência ambiental. "Descobrir a horta foi algo mágico. Quando a gente não entende do assunto, parece que está tendo um filho. O brotinho que você planta vira uma alface linda. Eu me senti útil para a sociedade", descreve.

A horta do Itapoã conta, atualmente, com 12 pessoas no quadro fixo de voluntários. Aos sábados, famílias da região visitam o local para ajudar na colheita e no plantio e, com esse ritual, ganham o direito a levar uma porção de verduras para casa. Além disso, o terreno ainda conta com um galpão, onde as mães podem deixar os filhos em atividades, como brincadeiras, reforço escolar, capoeira e teatro.

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press - 28/3/14



Sheila está há três anos como líder no espaço do Itapoã: "Descobrir a horta foi algo mágico", diz a secretária

As funções são divididas de acordo com as aptidões e conhecimentos de cada um. A aposentada Maria de Lourdes Santos, de 75 anos, não consegue ficar parada e adora cuidar da roça. Mas, por um problema no joelho, não consegue ficar agachada. A solução foi cuidar do berçário: as bandejas de mudas minúsculas que crescem até atingirem o ponto de plantio. "Se eu me aquietar, aí é que sinto dor na perna. Acho que nem estaria andando mais. Na verdade, tem horas que eu acho que deveria ficar mais em casa, mas tenho esse espírito de me mexer sempre", conta.

Um caso que orgulha muito a secretária é o de um jovem em processo de reabilitação do alcoolismo. Ele visita a horta aos sábados e lá, como não encontrou preconceitos para trabalhar, tomou gosto pela atividade.

Decidiu que, assim que tiver alta da clínica, vai tirar o sustento da terra. "Essa é uma sensação maravilhosa. Uma atitude assim muda a vida das pessoas, e eu nem ganho nada em troca. Só me encho de satisfação, da ideia de dever cumprido", diz Sheila.

Briga

Em outra horta, em São Sebastião, a comunidade enfrenta uma briga para manter o espaço. O terreno de 5 mil metros quadrados ainda não conta com um galpão, e a coordenadora do local, Hosana Alves, 42, batalha diariamente por isso. "Estamos aguardando verba para construir o galpão. Precisamos dele para lavar e empacotar verduras, fazer feiras, oficinas, ter onde deixar as crianças enquanto trabalhamos", reclama.

Enquanto isso, as 15 famílias que trabalham no espaço colhem as frutas e as hortaliças que produzem. Para a desempregada Maria Zélia Gomes, 52, o trabalho é tão bom que ela não tem interesse em procurar outra atividade. "Eu adoro mexer com plantas, não quero mais trabalhar com outra coisa. Por mim, passo o dia inteiro aqui", admite.

O caso do terreno em São Sebastião é curioso: em 2005, a área era um lixão. Quando uma participante da comunidade morreu de hantavirose, as pessoas se preocuparam porque muitos ratos circulavam pela vizinhança. Decidiram, então, limpar o lugar e fazer a horta. O aposentado José Luiz Mesquita, 86, participou do movimento inicial. "Nunca mais saí. A coisa mais fácil que tem é mexer com terra. Se eu parar por uma semana, fico doente."



As crianças ficam encantadas, é muito legal. Algumas pedem para levar muda, se espantam ao saber que orégano é uma folha que cresce no chão. Outras pessoas vêm ver a horta como terapia"

Sandra Fayad, aposentada

A prática da boa vizinha

Diferentemente dos exemplos de horta comunitária do Itapoã e de São Sebastião, a proposta da aposentada Sandra Fayad, de 66 anos, é dispor ervas medicinais e hortaliças para quem passar na rua. Dona de uma horta na 713 Norte, ela conta que recebe visitas de crianças curiosas, pessoas que buscam algum tempero para o almoço e, em alguns casos, quem procura conforto para uma situação de depressão. "As crianças ficam encantadas, é muito legal. Algumas pedem para levar muda, se espantam ao saber que orégano é uma folha que cresce no chão. Outras pessoas vêm ver a horta como terapia", conta.

Boa parte das visitas à horta é de pessoas que procuram ervas medicinais para problemas que podem ser resolvidos por métodos naturais: é, de acordo com Sandra, um reencontro com a tradição. Depois de uma noite com o sentimento de que uma gripe se aproximava, o aposentado Edmércio Reginato, 61, a visitou para pedir um alívio. "Sempre apareço por aqui. Vira e mexe, peço algo para ela. Acordei gripado e vim pedir conselhos", comenta o vizinho. Sandra oferece chás contra insônia, gripe e dor de cabeça; e até para ajudar mulheres em amamentação. "Já vieram me pedir arruda para fazer trabalhos religiosos. Se eu tivesse a aptidão de Cora Coralina para escrever, ficaria famosa só pelas histórias dessa horta", brinca.